

# O CONFLITO DE IDENTIDADES OPRIMIDO X OPRESSOR EXPRESSOS NO ROMANCE “OS CUS DE JUDAS”, DE ANTONIO LOBO ANTUNES

Eduardo Luiz Baccarin-Costa (Mestrando em Letras pela UEL)

## RESUMO

O presente trabalho procura, de forma sucinta e bastante objetiva, identificar, dentro do romance “*Os Cus de Judas*”, de Antonio Lobo Antunes, as questões levantadas por Stuart Hall (2006), no seu livro *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*, no qual levanta aspectos relativos sobre a questão de identidade e territorialidade. No romance, o narrador-personagem, descreve minuciosamente ao longo dos 23 capítulos, a experiência vivida entre 1974-1975 em Angola, durante os momentos decisivos da guerra pela independência daquele país e o choque de culturas e de identidades, não só a do próprio narrador quanto do povo colonizado em relação ao seu colonizador. Lobo Antunes, neste romance, se aproxima da corrente conhecida como Literatura de Testemunho que estuda como a memória após eventos traumáticos pode afetar outras narrativas, e especialmente no presente artigo aspectos que se referem a conflitos identitários. Assim, o presente artigo pretende contribuir com os estudos literários no que se refere à literatura africana, tentando identificar, nos confrontos culturais a afirmação da identidade africana.

**Palavras-chave:** Identidade, *Os Cus de Judas*, Lobo Antunes, Pós-Modernidade.

## ABSTRACT

In a rather straightforward and objective manner, this work aims at identifying the issues on identity and territory raised by Stuart Hall (2006) in "*The Cultural Issue in a Post-modern World*" within the novel "*Os Cus de Judas*" (Judas' Ass Holes) by Antonio Lobo Antunes. In Lobo Antunes' novel, throughout 23 chapters, the narrator/character describes in detail, his experience between the years 1974-1975 in Angola, during the decisive moments of the Independence War in that country. He also describes the shock between cultures and identities, not only his own but also the one of the colonized people in relation to its colonizers and with that in mind, Lobo Antunes also nears the Testimonial Literature that he studies such as the memory after traumatic events that expose such confrontations, as well as other issues. specifically in the issue of identity conflict in *Os Cus de Judas*. Thus, this article aims at contributing with literary studies and in particular with African literature, attempting to identify the affirmation of African Identity from these cultural struggles, because for Hall (2006) it is in "otherness that one's identity is reaffirmed and reinforced".

**Keywords:** Identity; *Os Cus de Judas*; Lobo Antunes; Post-Modernity.

## INTRODUÇÃO

Uma das - várias - definições de Literatura é apresentada por Candido (2001) como um “o instrumento de apropriação cultural de determinada realidade social e de transcendência e reconstrução de tal realidade, nos impulsiona a observar o fato de que a trajetória por ela descrita apresenta marcas das diferentes situações, política, econômica” de uma nação e serve, desta maneira, para mensurar não apenas a identidade de um povo, mas como esta é expressada nas mais variadas formas de arte, principalmente por meio da literatura. Candido, de acordo com Islabão (2008), levanta as seguintes questões acerca de como a Literatura expressa a construção de uma identidade nacional nas suas relações entre o meio social e a obra e isto se dá, para ele, a partir de um duplo questionamento, a saber: “qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte?” e “qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?”. Islabão defende que, para entender o que Candido propõe com este duplo questionamento deve-se “situar, social e historicamente, o texto literário para que seja possível interpretá-lo e transcendê-lo, ultrapassando, portanto, os limites da mera decodificação de signos linguísticos”.

Ao submeter o texto às condições de produção, ao se levantar os aspectos envolvidos na interação texto/contexto é importante que a mensagem veiculada à/pela obra seja identificada, compreendida e analisada criticamente em relação ao hoje, ao momento presente, ou ao próprio passado. Isso, para Islabão (2008), não aponta na direção do argumento que afirma não ser “possível ler um texto literário sem se ter profundo conhecimento do contexto a que remete ou do qual emerge”. Porém, para se ultrapassar suas camadas de significação mais superficiais, “é possível afirmar que se lê a partir do lugar (no sentido de momento histórico vivenciado) e da realidade social em que se está inserido, mas voltando-se o olhar (crítico) para as condições – econômicas, sociais, políticas, culturais, históricas etc. –, para o momento enunciativo por ocasião da concepção do texto literário.” (Islabão, 2008). Assim, Islabão vai ao encontro do pensamento de Fiorin (2016:67), mencionando o conceito de Bakhtin de que a leitura é um processo de interação e neste caso específico na apreensão dos sentidos enunciados por meio da leitura, o que, de certa forma, coaduna com o pensamento de Edmund Husserl apud Zappone, ao definir

alguns conceitos da fenomenologia e da estética da recepção, nos quais insistia que um texto só pode ser considerado literário se ele estivesse diante de uma “consciência que o experienciasse, e tal experiência só poderia ser propiciada mediante a atuação de um leitor” (ZAPPONE, 2009: 137)

Zilá Bernd (1992:17)) em seu livro “Literatura e identidade Nacional”, trazendo o pensamento de Ricœur (1985) que a melhor forma de se expressar uma identidade é por meio das narrativas, pois estas são, em última análise, a identificação de uma identidade. Bernd faz uma relação direta entre identidade e memória, ao defender que “um indivíduo se definiria, portanto, através das histórias que ele narra a si mesmo e sobre si mesmo, e destas narrativas, poder-se-ia extrair a própria definição implícita na qual esta coletividade se encontra”. Renato Franco (2003, p. 370) em seu importante artigo “Anotações de Literatura e Catástrofe no Brasil: anos 70”, ao apontar questões que dizem respeito às narrativas produzidas em períodos de exceção e confrontos identitário afirma que o conteúdo diz respeito à memória pois[...] “o conteúdo do esquecimento está relacionado à própria identidade, ao que, no passado, ele mesmo foi. Torna-se assim, consciente de como está dilacerado, incapaz de unir o passado ao presente”. Assim, Zilá e Franco, de certa maneira, corroboram o pensamento de Hall (2006), pois ao contar sobre si a outrem a identidade é reforçada na alteridade sem que haja um nível superior ou inferior entre elas, quer seja por confronto direto ou conflitos decorrente da própria memória e da história.

Stuart Hall (2006: 56) em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade” costuma elencar três tipos de concepções de identidades a partir dos seus sujeitos: o sujeito do Iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. A primeira concepção envolve a pessoa humana como indivíduo centrado, unificado, dotado de razão, de consciência e de ação. Neste conceito, o sujeito é possuidor de uma identidade que surge no nascimento e permanece a mesma ao longo da vida. A segunda, numa ampliação de escopo, trata do ser humano, cuja identidade não é autossuficiente e centrada, mas formada na relação com outras pessoas, mediadoras de outros valores, sentidos e símbolos. Aqui a identidade é formada na interação entre o sujeito e a sociedade. A terceira concepção, a do sujeito pós-moderno, já fragmentado pela própria essência do conceito de pós-modernidade, trata um

sujeito sem uma identidade fixa, essencial ou estável. É, portanto, formada e transformada histórica e continuamente de acordo com a cultura que permeia o indivíduo (HALL, 2006, p.75)

Santos (2014, p.123), em sua tese de doutorado “Angola: ação diplomática brasileira no processo de independência dos países africanos em conflito com Portugal no cenário da Guerra Fria”, na qual analisa o processo de independência de Angola e de como os anos em que aquele país africano ficou sobre o domínio e massacre - físico, ideológico e cultural - de Portugal confrontou diretamente as identidades, argumenta que a afirmação da “identidade está relacionada a questões “exteriores”, nas quais a exclusão, o não pertencimento leva a construção de uma identificação numa relação de poder de inclusão a um grupo.” E para corroborar este pensamento traz à lume o argumento de Hall (2006:21) que assevera que: Toda identidade é fundada sobre uma exclusão e, nesse sentido, é “um efeito do poder”.

Desta maneira o presente trabalho pretende analisar alguns aspectos de como o conflito e confronto de identidades, definidos especialmente por Bernd e Hall e explicitados acima, são expressos no romance “Os Cus de Judas”, de Antonio Lobo Antunes.

“OS CUS DE JUDAS”: MAIS QUE A AGONIA DE UMA GUERRA, O CONFRONTO IDENTITÁRIO DE DOIS POVOS.

Stuart Hall (2006:102) afirma que “as identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós”. No livro “*Os Cus de Judas*”, de Antonio Lobo Antunes, que teve sua primeira edição publicada em 1979 (quando Portugal estava livre da longa ditadura que assolou aquele país por quase todo Século XX), o narrador-personagem enuncia, ao longo dos 23 capítulos - com os sugestivos nomes das letras do alfabeto de A a Z, uma espécie de fragmentação do enunciador, como refere Seixo (2002:82). Além desta fragmentação o romance revela um choque de identidades entre lusitanos e africanos ficou evidenciado neste período, fosse pelos recursos bélicos, fosse por suas visões de mundo, de paixão, de sexo.

Confessadamente autobiográfica, o romance retrata as angústias vivenciadas pelo narrador-personagem por meio de os enunciados expressos no romance revelam que a guerra não só expõe um confronto ideológico (comunismo x capitalismo; democracia x ditadura, liberdade x censura), como estabelece, essencialmente, um conflito identitário entre oprimido x opressor, o que reforça o pensamento de Stuart Hall (2006) para quem a identidade só é reforçada na alteridade. No caso específico do romance loboantuniano, as diferenças - a as atrações entre as alteridades, acentuadas pelo caráter opressor - já eram manifestadas pelo autor na sua adolescência, como se vê logo nas páginas iniciais do romance:

Nas cozinhas idênticas ao laboratório de química do liceu, com um calendário das Missões com muitos pretinhos na parede, criadas sem idade, que se chamavam todas Albertina, preparavam canjas sem sal resmungando nos tachos pedaços de terço, destinados a condimentar o arroz branco” (ANTUNES, 2003: 13-14)

Mesmo de maneira estereotipada, como se infere no texto acima, o narrador-personagem de *Os Cus de Judas* está se reconstruindo e ao mesmo tempo destruindo uma identidade, pelos mais diferentes meios, fragmentada, de acordo com Fonseca (2015:60). Estas desconstruções e fragmentações da identidade se tornaram ainda mais evidenciadas no período conhecido como Pós-Modernismo, ainda que se suscite polêmicas quanto esta denominação, lembra o autor. Por isto, procurando entender este processo de choque e de refacção de uma identidade cultural a partir do conceito do que é o Pós-modernismo, Fonseca (2015: 62), mencionando Arnaut (2002), acrescenta, que ele faz parte das novas formas de organização social e de uma nova visão de mundo, compreendidas pela pós-modernidade e que isto, se refere “ a um contexto social abrangente, ao qual podemos designar por macroparadigma sócio-político-cultural, em que se encontra inserido o Post-Modernismo, entendido como microparadigma estético-literário”. E isto é uma marca da literatura de Lobo Antunes.

A chamada pós-modernidade parece exigir do romancista, segundo Fonseca (2015: 64) o convite a despir-se de noções como essência, fundamento, linearidade, pertencimento e assumir as noções de pluralidade, desconstrução e transitoriedade, tanto no mundo das

artes como fora dele. E no romance de Lobo Antunes, ao vestir estas nudezes, o narrador-personagem confronta e é confrontado nos seus valores, nas suas crenças, e não poucas vezes na sua própria identidade, o que proporciona, por exemplo, ruptura e a continuidade, e estas se entrelaçam numa preocupação minuciosa com a forma e com a estrutura que resulta, paradoxalmente, num efeito fragmentário, caótico e perturbador, capaz de constituir um registro de um período histórico, negligenciado pela história oficial, e que revela, nas narrativas que tematizaram a guerra e seu retorno, a forma com que se articulam as dimensões psicanalíticas e discursivas na construção de um novo e ressignificado conceito de identidade. (FONSECA, 2015: 65)

Estes aspectos mencionados por Fonseca, aparecem, por exemplo quando o narrador-personagem, descrente das instituições, desabafa:

Sempre que se examina exageradamente as pessoas elas começam a adquirir, insensivelmente, não um aspecto familiar, mas um perfil póstumo, que a nossa fantasia do desaparecimento delas dignifica.[...] [...]No fundo, claro, é a nossa própria morte que tememos na vivência da alheia e é em face dela e por ela que nos tornamos submissamente cobardes. (ANTUNES, 2003, p. 28)

O livro de Lobo Antunes traz à luz, segundo Fonseca (2015: 66) a [...]“consciência do absurdo da guerra” [...] e como sua propagação [...] “minavam, já antes da revolução[...] os ideais defendidos pela ditadura Salazariana., Isto, associado às “forças dos discursos que tentavam manter viva a imagem do império, acabou por comprometer a própria identidade de Portugal enquanto nação”, dando desta maneira ao procedimento adotado pelo narrador-personagem em “*Os Cus de Judas*”, a força que o discurso traz, segundo Foucault (1996), apud Dalcastagné (2012:19) para quem o enuncia, visto que ele “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou o sistema de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta”.

O que se luta, no caso específico do romance de Lobo Antunes, é o que o narrador-personagem, cada vez mais atravessado por discursos antagônicos entre suas convicções pessoais,— busca traduzir ao longo da narrativa, exprimindo as diferenças identitárias profundas entre o português e o angolano, e isto praticamente esgota as forças do narrador do livro de Lobo Antunes, como se verifica na passagem: “Quanto à filosofia, minha cara

amiga, basta-nos o artigo de fundo de jornal, tão rico de ideias como o deserto do Gobi de esquimós. De modo que, de cérebro exaurido por raciocínios complicados, tomamos amplas ampolas bebíveis às refeições a fim de conseguir pensar. (ANTUNES, 2003, p. 25).

Esta fala, de acordo com Seixo (2010), citada por Fonseca (2015, P.67) revela que o “sujeito narrativo que desenvolve seus gestos afectivos na busca de um outro que o complete” (SEIXO, 2010, p. 21).

Lobo Antunes é um autor cuja narrativa é bastante permeada pela memória. Conforme Seixo (2010, p. 19), o autor busca via de regra por meio de profundos monólogos interiores traçar um curso para a memória, ainda que este, como o pensamento, seja indefinido. Fonseca (2015) lembra que o romance *Os cus de Judas*, integra o que o seu autor chamou de ciclo de aprendizagem. Ali, segundo ele, já estão também presentes alguns elementos estéticos, temáticos e estruturais que serão desenvolvidos ao longo de sua produção literária e isto serão decisivos para a sua consagração no cânone literário português e mundial, e entre estes aspectos a memória é bastante relevante na literatura loboantuniana.

Sillegman-Silva (2003: 67) afirma que “a memória existe no plural: na sociedade dá-se constantemente um embate entre diferentes leituras do passado, entre diferentes formas de ‘enquadrá-lo’”. Uma das formas de enquadramento desta leitura é como que, nela, a noção de escravizado e escravizador, de oprimido e opressor, é ambígua. Oliveira (sd) mencionado por Islabão (2008) afirma que “aquele que escraviza é o verdadeiro escravo, pois depende da fraqueza (não no sentido pejorativo, mas no de incapacidade, por algum motivo, de resistir à opressão externa) de outro para afirmar-se enquanto ente poderoso e consolidar sua supremacia”.

Entre as várias passagens que corroboram este pensamento, chama a atenção as duas passagens extraídas do Capítulos L e I do romance em tela, a saber: “a locutora da rádio da Zâmbia perguntava Soldado português porque lutas contra os teus irmãos mas era contra nós próprios que lutávamos, contra nós que as nossas espingardas se apontavam (...)” (ANTUNES: 125). E isto nada tem de glorioso ou de merecedor de uma postura ufanista, ainda que veladamente assumida. A revolta do narrador é tamanha que, ao referir-se a



Portugal chega a verbalizá-la da seguinte forma: “– Merda de país de merda (...). (Idem: 102).

Ter presenciado não só o choque identitário entre colonizador e colonizado, mas também ter testemunhado, e sobrevivido aos horrores da Guerra, em muito coloca a narrativa loboantuniana dialogando com o sentimento comum de quem testemunhou e sobreviveu às atrocidades da Segunda Guerra Mundial e hoje produz a chamada Literatura de Testemunho. Roney Citrynovicz (2003: 131), um dos vários teóricos que analisam esta vertente recente da Literatura afirma, a respeito de quem sobrevive a uma guerra: “[...]teria sido deportado para outro planeta, tamanha a sensação de isolamento e falta de compreensão do que estava ocorrendo”. Em vários momentos, de “*Os Cus de Judas*” representa não só a inutilidade da guerra, mas as atrocidades advindas dela, associada a uma crise de identidade - política, afetiva, profissional - do narrador-personagem, que refletem não só o choque identitário entre colonizador e colonizado como o desejo quase incontido de que aquela relação oprimido x opressor chegasse ao fim, como se constata em:

[...] queria estar a treze mil quilômetros dali, a vigiar o sono da minha filha nos panos de seu berço, queria não ter nascido para não assistir àquilo, à idiota e colossal inutilidade daquilo, queria achar-me em Paris e fazer revoluções no café, ou a doutorar-me em Londres e a falar do meu país com a ironia horrivelmente provinciana do Eça, falar na choldra do meu país para amigos ingleses, [...], portugueses, que não tinham experimentado no sangue o vivo e pungente medo de morrer, que nunca viram cadáveres destroçados por minas ou por balas. (ANTUNES, 2003, p.162)

O excerto acima é uma demonstração do que Clenir Belezzi de Oliveira (13), mencionada por Islabão (2008) comenta sobre “*Os Cus de Judas*” de que ele “é um grito de ‘basta’ aos métodos e ações perpetrados pelo colonizador.” A matéria narrativa de *Os cus de Judas* é “antiépica, pois, contrariamente ao espírito desse gênero, não glorifica os grandes empreendimentos de conquista portugueses e seus métodos, mas critica-os duramente.”. Neste mesmo viés Antônio Panciarelli (p. 48), também mencionado por Islabão (2008) afirma que “O romance faz uma espécie de *mea culpa* sobre o silêncio complacente da maioria dos portugueses com a barbaridade praticada nas ex-colônias africanas.”, como se pode inferir quando o narrador, amargurado, desabafa:

“a guerra tornou-nos em bichos, percebe, bichos cruéis e estúpidos ensinados a matar, não sobrava um centímetro de parede nas casernas sem uma gravura de mulher nua, masturbávamos e disparávamos, o mundo-que-o-português-criou são estes luchazes côncavos de fome que nos não entendem a língua, a doença do sono, o paludismo, a amibiase, a miséria...” (ANTUNES, 2003:150)

*Os Cus de Judas* é para Crossariol (2010) resultado de uma “aprendizagem da agonia” (Antunes, 2003, : 43) que se deu ao longo da vida do narrador, ganha corpo em sua fala e, em meio ao conflito de saber quem verdadeiramente é, ele tenta se reconstituir enquanto dialoga com sua interlocutora. No entanto, é ainda a imagem de um eu fragmentado que se apresenta a nós, leitores: de um eu dividido entre o que ele era, o que os outros atores sociais e as instituições esperavam que ele fosse, aquilo no que ele se tornou (na concepção dos outros e segundo sua própria concepção) e o que ele gostaria de ser. Consequentemente, não há uma consonância na definição identitária desse indivíduo, até mesmo porque é justamente a partir “do ruído social, dos conflitos entre os diferentes agentes e lugares de socialização” (Mendes, 2002: 505) que esse eu se constrói. Logo, suas identidades são “relacionais e múltiplas, baseadas no reconhecimento por outros atores sociais e na diferenciação, assumindo a interação um papel crucial neste processo” (ibidem).

Zygmunt Bauman (1998) apud Crossariol (2010:23), em sua obra *O mal estar da pós-modernidade*, destaca que, na atual conjuntura, os projetos de vida individuais não encontram “nenhum terreno estável em que acomodem uma âncora, e os esforços de constituição da identidade individual não podem retificar as consequências do “desencaixe”, deter o eu flutuante e à deriva” (p. 32). Dessa maneira, segundo ela, o eu torna-se não apenas fragmentado, mas também desencaixado, uma vez que as inseguranças e incertezas de viver em mundo em que as identidades são fragmentadas e desterritorializadas não o permitem mais encontrar uma base sólida como pela incerteza em relação a si próprio e ao seu modo de estar no mundo.

Isto, segundo Fonseca (2015, p. 65) permitiria estabelecer uma convergência fundamental para entender a questão de identidade enunciada em *Os Cus de Judas*:

se a identidade no sentido de uma identidade nacional (político-social) está profundamente ligada aos discursos de (e sobre) si e da nação, a identidade

individual, no sentido da construção da subjetividade, está profundamente relacionada com a dimensão psicológica.

Como pode-se verificar quando o narrador-personagem desabafa: “Acho que perdi como perco tudo [...] [...] as minhas cóleras inesperadas, as minhas exigências absurdas, esta angustiada sede de ternura que repele o afecto, e permanece a latejar, dorida, no mudo apelo cheio de espinhos de uma hostilidade sem razão” (ANTUNES, 2003:226)

Sobre a questão de identidade, ainda, em *Os Cus de Judas*, Ana Paula Silva (2012:70) mencionando Ricouer afirma que é pela narrativa que se verifica a questão da mesmidade e da alteridade no outro, pois é a partir de como o outro nos vê é que sua identidade é reforçada. (2012, p. 71) Paul Ricouer, apud Silva (2002:171) reforça que na narrativa a identidade é reforçada porque ‘palavra mantida na fidelidade ao outro é palavra dada’ e nas diferenças das palavras, a identidade é verificada, seja pela mesmidade ou pela alteridade.

Estes sujeitos estão, de certa forma, em confronto no romance de Lobo Antunes, uma vez que tanto o narrador-personagem como as personagens descritas nos 23 capítulos mantém não apenas um choque ideológico, mas identitário. Este confronto, de certa maneira, encontra explicação nas palavras da crítica literária e antropóloga portuguesa Isabel de Castro Henriques, mencionadas por Santos (2014):

Ao longo do século XX, a África foi progressivamente ocupando um lugar central na vida portuguesa: Portugal não só dependia economicamente das suas colónias africanas como estas desempenhavam um papel indispensável no equilíbrio global do sistema fascista vigente desde 1926. Daí que se tenha verificado, por parte dos grupos dominantes da sociedade portuguesa, a necessidade de construir e de consolidar um certo número de mitos relativos à presença portuguesa em África, destinados a explicar e a justificar as acções e a permanência lusas nessa região do mundo, particularmente a partir da década de 50, quando se inicia, em África, o processo das independências. (SANTOS, 2014, p.112)

Se, por um lado, Portugal impôs uma colonização que, como refere Henriques descaracterizou a própria identidade africana, esta tão subjugada e tão violentada nos últimos dois séculos a ponto de transformar os povos africanos numa espécie de “pioneiros” entre os refugiados, uma vez que tiveram que deixar suas terras para servirem ou não de escravos de nações da Europa e das Américas, por outro como mostra Crossariol (2010:

32)?), estes tiveram que mesmo diante da “tortura, silenciamento, repressão que eram, assim, nesse contexto, manifestações de violência comumente aplicadas a todos aqueles que se mostravam contrários ao regime de Salazar”, afirmar sua identidade em outros “não-lugares” como define Haal (2006) a respeito da afirmação identitária dentro da questão da reterritorialização.

Salazar governou Portugal por décadas e a queda da Ditadura naquele país está diretamente ligada ao enfraquecimento da sua saúde, o que vai causar seu afastamento e a consequente retomada da negociação das independências das colônias Portuguesas na África, como ensina Santos (2014). No período em que Portugal colonizou com “mãos de ferro” vários países africanos a identidade destes foi sendo “desconstruída” para ser construída o que Santos (2014) chama de “identidade comum”, pois como sustenta o professor, evocando o pensamento de Foucault (1996) “as identidades são construídas no interior das relações de poder” e cabia ao governo português a tentativa de descaracterizar a identidade africana para “europeizar” Angola. Neste mesmo sentido Bernd (1992, p.15) afirma que “a identidade é um conceito que não pode afastar-se do de alteridade: a identidade que nega o outro permanece no mesmo”. E esta “mesmice identitária” é, em boa parte do romance loboantuniano o cerne da narrativa, como se atesta em: “Compreendame: pertencemos a uma terra em que a vivacidade faz as vezes do talento e onde a destreza ocupa o lugar da capacidade criadora, e creio com frequência que não passamos de facto de débeis mentais habilidosos consertando os fusíveis da alma à custa de expedientes de arame” (ANTUNES, 2003,p.41-42)

Fonseca (2015), ressalta que os processos de desterritorialização das colônias portuguesas em África causaram polêmicas dentro dos estudos pós-coloniais e que constituem tensas questões identitárias para os países colonizados, mas também para os colonizadores, ainda que não se questione que a reafirmação identitária é um processo necessário, e inegavelmente complexo nos dias atuais. Neste mesmo sentido é pertinente, lembra o autor, a questão levantada por Elisabete Peiruque (2011): “Como reafirmar tal identidade quando nas facções antagonistas formadas por nativos e colonizadores as próprias identidades são embaralhadas?” (FONSECA 2015, p. 72)

Nesta busca por uma afirmação identitária única, em meio a este embaralhamento, apresentado por Fonseca, Crossariol (2010) lembra também que Portugal mostrava-se para o mundo, por meio de uma propaganda positiva do Governo Salazarista, como “uma nação multicontinental e multirracial, onde todos tinham os mesmos direitos.” Porém, lembra a autora, isto não passava de uma grande “falácia a julgar pelos acontecimentos nas províncias ultramarinas, onde continuava a existir uma enorme segregação racial.” Este choque de identidades é constante na narrativa de Lobo Antunes e não raro o narrador-personagem revela sua angústia pessoal e metafísica e que, de alguma forma, atinge também quem viveu também estes fatos:

quando sair daqui, percebe, ao ter acabado de lhe contar esta história esquisita e de ter bebido, em vagares de camelo, todas as garrafas visíveis, e me achar lá fora, ao frio, longe do seu silêncio e do seu sorriso, sozinho como um órfão, de mãos nos bolsos, a assistir ao nascer da manhã numa angústia cremosa que a lividez das árvores macabramente sublinha. As madrugadas, de resto, são o meu tormento, gordurosas, geladas, azedas, repletas de amargura e de rancor. Nada vive ainda e, todavia, uma ameaça indefinível ganha corpo, aproxima-se, persegue-nos, inchamos o peito, impede-nos de respirar livremente, as pregas do travesseiro petrificam-se, os móveis, agudos, hostilizam-nos (ANTUNES, 2003, p. 39-40)

A sensação de angústia vivenciada pelo narrador-personagem de *Os Cus de Judas* reflete a distância abissal que estava estabelecida entre Portugal e suas colônias, na mesma proporção do que a realidade vivida por aqueles que serviam à pátria, caso específico de Lobo Antunes enunciado no seu romance em tela, e a propaganda que Salazar fazia de seu governo, tentando passar uma imagem de unidade da nação lusitana, como destaca Crossariol (2010). Para a autora, a grande Pátria Portuguesa era concebida pelo Estado Novo como una e unida, porém, isto efetivamente não existia, nem ao nível da Fé nem, pelo menos de forma completa, ao nível da Língua, e a imposição da língua é uma das formas de desterritorialização levantadas por Hall (2006).

Crossariol (2010) ressalta que as diferenças acentuadas entre África e Portugal, tomando como referências critérios geográficos e culturais (religião, língua) já nos dá uma primeira percepção da negação da África portuguesa, mas esse repúdio torna-se verdadeiramente gritante quando nos debruçamos sobre os aspectos de natureza social e

humanitária. O Império uno e fraterno que albergava todas as gentes sob o signo de portugueses não existia, senão vejamos a forma como os colonizados eram sujeitos ao ignorante racismo, às migrações forçadas, à feroz repressão, às violências brutais dos colonos, da PIDE e até do exército, ao medo omnipresente, ao injusto trabalho forçado e à exploração colonial e, ainda, mais ruinoso que tudo, à miserável fome. (CROSSARIOL, 2010).

A partir deste viés exposto por Crossariol, é interessante perceber em *Os Cus de Judas*, como lembra Isabão (2008) que a narrativa coloca Portugal em um nível inferior ao povo por ele oprimido, neste caso específico o povo angolano, pois, se o dominador tem a necessidade de subjugar o dominado impondo uma cultura e “raptando” sua identidade, pode-se dizer, por outro lado, que a nação lusitana “está tão condenada à escravidão quanto aos que explora como colônia sob seu domínio”. E no excerto abaixo, pode-se inferir um exemplo do que a autora coloca, quando o narrador-personagem desabafa:

A ideia de uma África portuguesa, de que os livros de História do liceu, as arengas dos políticos e o Capelão de Mafra me falavam em imagens majestosas, não passava afinal de uma espécie de cenário de província a apodrecer na desmedida vastidão do espaço, projectos de Olivais Sul que o capim e os arbustos rapidamente devoravam, e um grande silêncio de desolação em torno, pelas carrancas esfomeadas dos leprosos, As terras do fim do mundo eram a extrema solidão e a extrema miséria, governadas por chefes de posto alcoólicos e cúpidos a tiritarem de paludismo nas suas casas vazias, reinando sobre um povo conformado, sentado à porta das cubatas numa indiferença vegetal. (ANTUNES, 2003:145)

Enquanto, Portugal massacrava - física e psicologicamente - a África, especialmente Angola - como é retratado no romance de Lobo Antunes - na Guerra pela Independência daquele país, as identidades - do colonizador e do colonizado - também se confrontavam. Aliás, este processo de confronto identitário já vinha acontecendo há duas décadas antes, como demonstra Crossariol (2010). Em 1950, segundo a autora, Moçambique e em Angola já produziam uma literatura que se afastava dos cânones da Literatura Portuguesa trazidos pelos colonizadores, na qual procuravam se desvencilhar da civilização europeia e que propunha a busca de uma identidade própria, ou seja uma literatura intrinsecamente ligada às raízes culturais africanas.

Se em Moçambique havia alguns movimentos de vanguarda, Cossariol destaca que “em Angola, na mesma época, Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Eduardo Mondlane, Mário Pinto de Andrade e outros, iniciaram, sob os ecos da negritude francesa, do negrismo afro-americano e sob o signo do anticolonialismo, um movimento político-literário em busca da angolanidade.” Estas práticas estavam associadas, desta maneira, às tertúlias, aos sarais que aconteciam informalmente e que de alguma forma trazia à luz a ancestralidade africana de se transmitir a cultura oralmente, marca indelével da identidade africana, como ressalta Bernard (1992).

Estas práticas estão bem demarcadas na letra da canção “À Volta da Fogueira”, dos poetas angolanos Agostinho Neto e Paulo Mingas que foi musicada pelo músico brasileiro Martinho da Vila, como se observa nas seguintes passagens: Os meninos à volta da fogueira /Vão aprender coisas de sonho e de verdade /Vão perceber como se ganha uma bandeira/E vão saber o que custou a liberdade /Palavras são palavras não são trovas /Palavras deste tempo sempre novo /Lá os meninos aprenderam coisas novas/E até já dizem que as estrelas são do povo. (VILA, 1981).

Num contraponto destas práticas literárias e identitárias africanas o narrador-personagem de “Os Cus de Judas” revela sua formação familiar e cultural - adquirida essencialmente em livros e bancos escolares, nos quais é fortalecida a ideia do mito fundador exposto por Bernard (1992) e sustentado por Hall (2003) - como fica explícito na seguinte passagem do romance de Lobo Antunes: Nasci e cresci num acanhado universo de crochet, [...], filigranaram-me a cabeça na infância, habituaram-me à pequenez do bibelot, proibiram-me o conto nono de Os Lusíadas e ensinaram-me desde sempre a acenar com o lenço em lugar de partir. (ANTUNES, 2003:134)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo procurou mostrar, com base nos estudos de Isabelita Crossariol, Carlos Fonseca e Chaiane Islabão, a partir do romance *Os Cus de Judas* de Antonio Lobo Antunes como os conflitos de identidade entre Portugal e África ficou mais evidente

principalmente no período da Guerra pela Independência territorial de Angola ocorrida no quase ocaso da Ditadura Salazarista, após a Revolução dos Cravos, em 25/4/1974 e que irá determinar a volta do Governo naquele país ao povo africano e como tanto a identidade lusitana quanto a identidade africana estão evidenciadas no romance escrito pelo autor contemporâneo português.

Tanto no romance loboantuniano quanto na tese de José Francisco de Santos que trata dos documentos que foram decisivos para a Independência Angolana, fica evidente os choques de identidades e os conflitos gerados a partir dela, uma vez que a identidade africana veio à lume com mais intensidade na proporção que Portugal assolava aquele país com “mão de ferro”, corroborando assim o pensamento de Stuart Hall (2006) de que a identidade é reforçada na alteridade, seja ela pessoal ou territorial, e no caso específico de *Os Cus de Judas*, ela fica evidenciada nos dois sentidos.

Os conflitos identitários enunciados em *Os Cus de Judas* nos permite entender o processo de fragmentação vivenciado pelo povo africano durante os anos que foi dominado pelos europeus, notadamente Portugal, França e Inglaterra e como isto afetou - e muito - a reconstrução da identidade pessoal, cultural e nacional. Ainda que este processo seja um percurso relativamente lógico traçado pela humanidade, principalmente neste período conhecido por alguns, como é o caso de Stuart Hall, como pós-Modernidade, tais conflitos mostram como as relações humanas - nos mais variados níveis- estão fluidas e líquidas, como assevera Bauman, e como a afirmação de uma identidade dentro do seu território de origem é cada vez mais difícil, uma vez que ao construir os processos históricos que moldaram a formação da sociedade contemporânea as questões identitárias se tornaram fragmentadas, diluídas, desterritorializadas.

Desta maneira, portanto, o romance de Lobo Antunes é uma forma também de refletir, com a agravante de ser uma narrativa produzida em tempos e sobre a guerra, como a dominação imperialista europeia foi determinante no “roubo” da identidade Africana, e como esta imposição de uma nova cultura, de um novo modo de agir, de pensar, de viver gerou neste povo a sensação de ser escravo no seu próprio solo, fazendo da essência do povo angolano - de uma nação alegre, festiva, sorridente como afirma José Francisco dos Santos



na sua tese de doutorado ao narrar as primeiras impressões que teve de Angola - uma nação que espelha esta cidadania fragmentada que Hall insiste em demonstrar e Baumann define como sociedade líquida, fluida, sem raízes territoriais, confrontando não poucas vezes os valores e costumes tradicionais do povo lusitano.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Antonio Lobo. **Os Cus de Judas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

BERND, Zilá. **Literatura e Identidade Nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Literatura Negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CROSSARIOL, Isabelita Maria. **Identidades em questão em Os cus de Judas, de Antônio lobo Antunes**, 2010. Disponível em: <[http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/v.%2019%20n.%201/Isabelita\\_Crosariol.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/v.%2019%20n.%201/Isabelita_Crosariol.pdf)>, Acesso em: 28 ago. 2017.

CYTRYNOWICZ, Roney. “O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do holocausto”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 2003.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo - SP: Horizonte, 2012.

FONSECA, Carlos Henrique. **Tempo, memória e identidade em Os Cus de Judas de Antônio Lobo Antunes**. Araraquara-SP: Unesp, 2015.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

ISLABÃO, Chaiane C. “Leitura versus História e a representação da identidade em Os Cus de Judas, de Antonio Lobo Antunes e em Vinte e Zinco de Mia Couto”. In: **Literatura e Autoritarismo Processos de identificação e políticas da (in) diferença**. Santa Maria - RS: Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

SANTOS, José Francisco. **Angola: ação diplomática brasileira no processo de independência dos países africanos em conflito com Portugal no cenário da Guerra Fria.** (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica - PUC: São Paulo, 2014.

SEIXO, Maria Alzira. **Os romances de António Lobo Antunes: análise, interpretação, resumos e guias de leitura.** Lisboa: Dom Quixote, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes.** Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

SILVA, Ana P. **“Aprendizagem da Agonia” em Os Cus de Judas, de Antonio Lobo Antunes.** Dissertação de Mestrado Universidade. Federal de Viçosa: Viçosa, MG, 2012.

VILA, Martinho da. **À Volta da fogueira.** Música composta por Martinho da Vila, Agostinho Neto e Paulo Mingas. In: “Martinho da Vila”, RCA Discos, 1985. Letra disponível em <<https://www.lettras.mus.br/martinho-da-vila/287291/>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

ZAPONE, Mirian, H. Y. Estética da Recepção. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.** 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

*Recebido em 30 de Janeiro de 2018*

*Aceito em 10 de Julho de 2018*